

8.

Conclusão geral

O que Deus faz com os místicos, provando-os na noite escura, Francisco nos seus 50 dias no Convento de São Damião, fá-lo agora com a humanidade, introduzindo-a na noite escura epocal. Estamos vivendo esta noite ou pelo menos, estamos vivendo-a há bem poucos anos. É o próprio Deus quem taticamente se ‘esconde’, ‘esconde’ sua face dos olhares dos seres humanos. Deus não faria isso para rir-se das criaturas humanas. Com isso não pretenderia vulgarizar sua figura, porém muito mais e prioritariamente mostrar sua gratuidade, valorizar a presença da cruz e purificar as relações das pessoas humanas com Ele, com os irmãos e irmãs, todas as criaturas. Francisco com seu Cântico nos arrebatava à presença de Deus. Na manhã seguinte, à misericórdia do Senhor, quando a noite escura já aponta para a aurora que precede o nascer do irmão sol.

Procuremos, a guisa de conclusão, compreender: Francisco seguiu um caminho rumo a Deus e na sua presença assemelhar-se ao máximo com o Altíssimo, viver segundo Deus e ao encontro de Deus (cf. Mc 8,34; Mt 16,24; Lc 9,23; Hb 10,20). Aos que seguem a rota do Caminho (Jo 14,6), orientado pelo Senhor, como guiou o povo de Israel, poderíamos exortar com as palavras de Santo Agostinho a seus paroquianos:

Portanto, meus irmãos, cantemos agora, não para deleite de nosso repouso, mas para alívio de nosso trabalho. Assim como costumam cantar os caminantes: canta, mas caminha; consola-te no trabalho cantando (...) se progrides, caminhas; mas progride no bem, na fé verdadeira, nos bons costumes, canta e caminha¹²¹⁸.

A última lição a ser assimilada e praticada no nosso dia-a-dia é ter uma atitude fraterna, humanidade cristã, diante de todas as coisas criadas e uma concentração de comportamentos éticos no trato com elas, abertura para a interdisciplinaridade em parcerias. Fomos introduzidos à mística cósmica fraterna inaugurada por Jesus e proposta pelo pobre de Assis à atitude dos seus seguidores a ler o Cântico de Francisco como o discípulo que se filia, como o aprendiz que se nos encoraja.

¹²¹⁸ Sermão 256, 1.2.3., em *Patrologia Latina* 38, 1195. Apud. GUTIÉRREZ, G., *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente. Op. Cit.* p. 154.

Este trabalho diferencia-se dos críticos de arte que se limitam a usar uma outra linguagem para atingir os mesmos objetivos: examinar a literatura, porquanto o tema do Cântico não é a literatura, é a vida. Não uma existência suntuosa, ou imaginativa, mas ao contrário, sua vida humana, santa, de +frade menor. Portanto, o nosso interesse foi capturar o foco que define a existência. Uma vida iluminada pela arte reveladora dos valores do Reino de Deus, vida em profícua ação de graças que transborda no Cântico, ele também como criatura diante do Criador, na sua melhor linguagem: agradecido.

Esta aventura, apresentar o Cântico de Francisco como um exemplar da sua mística, objeto da nossa reflexão, representa um perigoso e jubilar desafio e ao mesmo tempo uma satisfação extraordinária. Esta pesquisa nos lançou de volta ao estágio natural, a contemplar, à distância, o frescor matinal de Francisco, no seu paraíso, ‘de onde ele nunca saiu’. De fato, “segundo o primeiro estado da sua natureza, o homem foi criado apto para a quietude da contemplação, e por isso “Deus o colocou no paraíso de delícias”¹²¹⁹, como se, ao compor este Cântico, já não estivesse preso a nada, o filho de Assis, Francisco, não mais cegado e encurvado, já não mais nas trevas, contemplando a luz do céu, a graça da justiça o socorrendo contra a concupiscência; e a ciência com a sabedoria divina, por meio de Jesus Cristo, constituído por Deus, o exemplar humano no paraíso, pois pela mística, arrebatado aos êxtases supramentais.

O Cântico não traduz um momento de pausa e remanso na vida de Francisco; reflete-o fielmente a ele próprio em sua última etapa. É como se escrevesse a letra para uma melodia, ou redigisse um testamento que rubricasse toda uma existência, pois Francisco viveu numa contínua ação de graças e louvor. Este louvor irrompe do coração de um homem que se alimentou da graça de Deus e já não pode sobreviver sem dar constantes graças e cantar como um seu trovador privilegiado. Este júbilo é-lhe concedido não como preço de uma conquista, mas como dádiva do amor de Cristo, numa profundíssima experiência de fé.

Francisco, arrebatado pela ânsia de dar graças, parece-lhe pequena e mísera a oferta da sua pobre pessoa: envolve, por isso, toda a criação, invoca e

¹²¹⁹ BOAVENTURA, S., Itinerário da Mente para Deus. *Op. Cit.* I, 7, p. 69.

chama irmãs a todas as criaturas, a fim de poder tributar juntamente com elas, em forma de oração universal e fraterna, toda a glória e gratidão devidas ao Senhor Deus Criador. Os símbolos que Francisco apresenta na primeira parte do Cântico o ajudam a ver as realidades espirituais de uma maneira mais concreta.

E em segundo plano deixa evidente que o Cântico não é somente uma oração de louvor que nos une como irmãos e irmãs a toda a criação. Ele é mais do que isso. Ele recolhe sementes de contemplação que nos chamam a viver num relacionamento com Deus, com a pessoa do próximo, com as realidades escatológicas presentes na vida, simbolizadas aqui pelo sim último à irmã morte, e com toda a criação numa maneira profunda e autêntica.

Os seres humanos cantam com os símbolos da vida o amor e a misericórdia do Criador. Eles evocam profundas realidades místicas e mesmo com a Santíssima Trindade. O Altíssimo, o Santo Espírito e o Filho de Deus não somente preparam a festa dos esponsais, mas no Cântico participam com suas belas criaturas. Eles vêm e se sentam à mesa do banquete com suas criaturas, o céu desce à terra. Eles maravilhosamente significam e simbolizam para o espírito místico de Francisco a grande bondade e esplendor de Deus, que brilha nas trevas e a transforma. Francisco se encontra movido à comoção e arrebatamento por afeição, transformado pelo ardente amor pelas criaturas e seu Criador.

É toda a vida mística de Francisco que se exprime através da síntese simbólica do Cântico. Seu cantar é o canto do homem salvo em sua totalidade, de tal modo unido ao Altíssimo, que pode aplacar todos os conflitos que dividem a consciência comum. Sua experiência mística do cosmos permite que percebamos o que ele tinha tornado: um ser inteiramente luminoso, penetrado e renovado pelo Espírito de Deus até às raízes de sua carne mortal.

O Cântico não é apenas expressão de um amor puríssimo à natureza de todas as criaturas. É antes de tudo celebração de uma realidade íntima. Canta no coração do ser humano a criação nova penetrada pela luz pascal. É a lírica confissão, cheia de espontaneidade e ao mesmo tempo inconsciente, de uma pessoa cujas forças obscuras reencontram a transparência das torrentes e o esplendor de todas as irmãs criaturas, redimido.

O louvor a Deus, Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor, arrancado ao espírito pelo espetáculo da beleza, da bondade, da graça ou da magnitude das coisas criadas que formam o universo ou dos seres que o povoam e que revelam, umas e outros, a misericórdia, o poder e a sabedoria de Deus, seu Criador. O Cântico das Criaturas está entre os mais perfeitos exemplares desse gênero de louvor e prece.

Devemos a Francisco, por obra e vida tão singulares e importantes: pela passagem que abriu através das abóbadas da mística da fraternidade cósmica, o desencadeamento de um impulso criador de alcance incalculável, abrindo largo acesso às vagas da realidade das criaturas irmãs, do tempo redivivo, a esse cosmos no qual o espírito humano poderá recuperar a liberdade, a alegria, a fraternidade, a paz e a arte da ‘irmã morte’, e graças a esta experiência encontrar o caminho do seu renascimento.

Os fios do seu pensamento se mostram suficientemente firmes para servir de guia ao espírito humano, podemos ter, em Francisco, como certo, uma influência ainda mais considerável do que a já tão grande que alcançou. Como estilista e como santo poeta, não fica atrás de nenhum dos seus antepassados, contemporâneos e pósteros; na sua investigação estritamente intuitiva, o sentimento da objetiva verdade: “Louvai e bendizei ao meu Senhor e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade” (Cant. 14), todas as suas aspirações, sua vida, portanto sua vocação de amor universal, são impelidas por um sopro que é o da alegria que conquista a fraternidade e que, vencendo a servidão imposta pela matéria, no amor da liberdade de irmão, abre os espaços da mística vital, à memória de Deus nas suas criaturas, mística da práxis, seguimento de Cristo, “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”, gestando a pátria sem males, o Reino, Francisco, criatura entre as criaturas, paradigma insuperável dos valores evangélicos, tais quais, pobreza da desapropriação, humildade no seguimento de Cristo, paixão pelos que sofrem, entrega da própria vida, pois tudo é dado para o bem da vida, pelas mãos do Criador.

Francisco, o santo de Assis, se fez poeta ou o poeta que se fez santo? O fato é que sua vida venturosa nos fascina e mais que absolutamente necessário ler Francisco, é preciso aprender lê-lo, desintoxicar-se das leituras equivocadas; a superação do desregramento de todos os sentidos, observar, ainda com espanto a inauguração do natal na terra da vida.

Por fim, em Francisco não vemos apenas a imagem de um pobrezinho frágil cercado por pombinhas brancas, numa auréola de humildade e misticismo, mas sobretudo de um homem dotado de excepcional força moral. Francisco corrige a irracionalidade de estruturas assimétricas através de relações recíprocas de fraternidade mística. Para ele o caminho, o itinerário, inclusive entre as criaturas, a ponte, é mais importante que a chegada. A finalidade é a mendicância, a estrada se torna convento. Pobreza é uma condição da transferência (*metoikesis*) estrutural para entrar e permanecer na mística do Cântico, da transferência para a periferia, e do encontro e da caminha com os pobres.

A mística de Francisco, contemplativa e solidária às criaturas, marcada pelo louvor com todas as criaturas, ao perdão e à paz, à irmã morte a ressurreição, em síntese, esta mística registra elementos tão profundos que reproduzem as chagas de Jesus Crucificado no seu corpo, a imaginação da fraternidade universal, quiçá, é capaz de oferecer uma contribuição substancial para sarar as chagas do povo sofrido. É que os excluídos – à beira do caminho nos confins do mundo e no meio de nós – esperam sua companhia itinerante, sua palavra profética e sua imaginação insuperável e criativa.

Francisco companheiro de quem busca, sonha, espera e luta é um homem medieval arcaico, o *poverello* cheio de ternura e vigor, de alma clara e espírito universal, reserva de sentido e radicalidade, de fidelidade e genuína alegria, um ser humano que atinge a profunda comunhão consigo mesmo, com o mistério de Deus e com o universo das coisas criadas. Urgência de uma mística que não se prende a nenhuma querela confessional, que não é propriedade de uma instituição, mas patrimônio da humanidade.

Para onde quer que o *moderno* se volte e procure, encontrará em Francisco uma inspiração, uma provocação radical, um companheiro místico na travessia da experiência de fé. Hoje mais do que nunca não como uma lição de ortodoxia a ser decorada, mas como uma enorme simpatia e empatia a ser sentida e vivida por tudo o que é legitimamente humano, pelo que é bondade, compaixão, justiça, transparência, liberdade e afeição alegre à natureza criadas por Deus.

As lutas e os esforços dos não-satisfeitos, dos excluídos e dos solidários, dos militantes e poetas, dos estudiosos e trabalhadores, não terão força de

sustentação e fôlego longo se não conseguirem mobilizar também a afeição, o espírito, a inteligência gerada a partir de um devotamento. Em tempos de absurdos só a fé sustenta. Concluimos que é muito difícil a qualquer pessoa aproximar-se de Francisco e não sentir cativado por uma profunda afeição por ele, como se traduz no Cântico esta realidade. Sua contemporaneidade persiste através da distância do tempo e da cultura porque Francisco a seu modo, mostra-nos as dimensões mais profundas e positivas do humano reconciliado, e por isso tornou-se universal, capaz de ser entendido por pessoas de qualquer geração e cultura. Desde que nos mostremos capazes de resistir à tentação da transposição simplista, da apropriação romântica e renunciemos aos conceitos e informações infantilizadores.

A opção de Francisco pelo lugar social dos pobres e com todas as criaturas, um relacionamento de irmão, fraterno, gera um novo paradigma místico ainda insuperável, e para a elaboração de uma mística para um outro mundo possível deve buscar as melhores tradições solidárias, emancipatórias e fraterno-sororais das experiências místicas múltiplas que podem resumir-se no seguinte decálogo místico: mística da libertação, em um mundo dominado por múltiplas opressões; mística da justiça, em um mundo estruturalmente injusto; mística da gratuidade, em um mundo onde imperam o cálculo, o interesse, o benefício, o negócio; mística da compaixão, em um mundo em que impera o princípio da insensibilidade em relação ao sofrimento humano e meio ambiental; mística da alteridade, da colhida e da hospitalidade para com os estrangeiros, os refugiados e os sem papéis ou títulos; mística da solidariedade, em um mundo onde impera a endogamia; mística comunitária fraterno-sosoral, em um mundo patriarcal onde predomina a discriminação do gênero em todos os campos da vida; mística da paz, inseparável da justiça em um mundo de violência estrutural causada pela injustiça do sistema; mística da vida, de todas as vidas, dos seres humanos e também das criaturas da natureza, da vida dos pobres e oprimidos constantemente ameaçada e a mística da incompatibilidade entre Deus e o dinheiro, em um mundo onde se aliam facilmente a fé em Deus e a crença nos ídolos, a adoração da divindade do bezerro de ouro.

A experiência mística de Deus Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor, realizada por Francisco não constitui um luxo privilegiado. É a condição indispensável de toda a vida cristã. Sem ela os dogmas são andaimes rígidos, a

moral uma couraça opressora, a ascese um rio seco, a prática religiosa um desfiar monótono de gestos estereotipados, a corporificação do medo que ser se assegurar e o ridículo de uma ostentação sem a graça da vida interior. A mística não assenta sobre o extraordinário, mas é a transfiguração do ordinário. Por isso o místico não tem segredos a contar ou confidências a fazer. Ele vê Deus em todas as coisas enquanto está sempre em busca de um Deus sempre maior do que Aquele que ele encontra¹²²⁰. Todo esse percurso constitui a experiência concreta, dolorosa e gratificante de Deus. Ele se dá e se retrai continuamente; se revela e se vela em cada momento porque Ele é o Mistério e o nosso eterno Futuro.

Conscientes de que o franciscanismo, inaugurado por Francisco, atravessa ao longo dos séculos, acumulando uma pesada institucionalidade, pode ainda ser definido, na sua mística como um modo de existir, uma maneira de ser no mundo, dotada de uma escala de valores, um modelo de relação, uma estruturação de convivência social, um modo de pensar, uma maneira de fazer, sempre de novo inspirado na impactante pessoa de Francisco, inaugurando outra vez o olhar introspectivo e a misericórdia do Criador e Salvador, para o ensaio do Cântico novo, o ser humano novo, aprendiz de toda esperança.

Cremos, portanto na capacidade de resistência, a denúncia dos pragmatismos conformistas e fatalismos alienantes. Cremos na capacidade de se reconstruir, a partir dos escombros da civilização mecanicista e racionalista, a partir dos fragmentos da pulverização do sagrado, banalizado nos mercados de oferta fácil de salvação, cremos no paradigma inspirado pelo Santo Espírito de Deus a Francisco de Assis.

O estudo que compõe esta Tese empreende o ofício de dar conta da riqueza e da novidade do carisma de Francisco, na perspectiva do Cântico, do significado epocal do texto místico e da fecundidade de pensamento do mestre franciscano. Nossas intuições e pesquisa procuram, além disso, numa aproximação modesta e de forma alguma exaustiva, a bibliografia é imensa e inesgotável, problematizar e repensar, em torno do material consultado, o legado e a herança de Francisco em diálogo com o mundo e com uma das grandes questões do nosso tempo: a mística. Não pretendemos ter realizado a

¹²²⁰ Cf. BOFF, L., Experimentar a Deus hoje. In: VV. AA. Experimentar Deus hoje. *Op. Cit.* p.186.

melhor interpretação ou releitura: oferecemos simplesmente o que nós mesmos conseguimos captar.

Cremos que a nossa contribuição, ao penetrar no Cântico de Francisco, suscite outras pesquisas nesta direção, levando a cabo uma análise mais profunda e exaustiva da temática, usando novas chaves de leitura e até mesmo movendo-se em direção de novos campos. Seja uma contribuição à mística de Francisco, não somente ao conhecimento teórico do Cântico, mas, sobretudo um estímulo para um habitar novo do ser humano no ambiente, isto significa estar em paz com Deus Criador e com toda a criação.

Neste trabalho procuramos evocar, através da pesquisa realizada, como artífice dos sonhos, nossa realização como teólogo, poeta, talvez como artista, mas fundamentalmente como ser humano admirado diante do fascinante Francisco. Numa lenta migração interior tocamos as regiões mais profundas. Ousei me aproximar do sagrado. Vimos... São Francisco. Contemplamos, admirados e tomados de ousadia e alegria, o quadro da sua mística realidade: seu Cântico, sua vida. Seu Cântico para que seja cantado à vida. Para preservar a vida em todas as Criaturas que nascem das mãos do Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor. Chegamos ao fim? E é apenas o princípio.

Moltmann, pontifica, em alusão ao *poverello* de Assis:

Sem a ressurreição da natureza não haverá “vida do mundo vindouro”. Esse horizonte de expectativa cósmico abre espaços de experiência da natureza nos quais esta não está submissa aos homens como material nem é exaltada à divindade para os homens, mas nos quais se desenvolve uma relação fraternal com os semelhantes, como o expressam os hinos místicos de **Francisco de Assis**. Todas as criaturas da terra se encontram em uma comunhão de caminho, do sofrimento comum e da esperança comum¹²²¹.

A atenção à mística certamente tem trazido e se bem compreendida, continuará trazendo condições de se realizar, através da religião e para além dela, a almejada promessa de frutuosa convivência. E “que todo o povo renda louvores e graças ao Senhor Deus Onipotente” (Gv 7).

¹²²¹ MOLTSMANN, J. O caminho de Jesus Cristo. *Op. Cit.* p. 365.